

# Omissão em hospital vai parar na Justiça

“Os médicos, se comprovada a negligência, serão punidos. Os que não estão satisfeitos só precisam deixar a instituição. A justiça decidirá”. A manifestação é do secretário de Saúde do DF, José Richelieu que encaminhou, na semana passada, o processo sobre a sindicância da morte do menino Ozanir, à Procuradoria do GDF. “O CRM também recebeu o processo”, admitiu o secretário.

Segundo Richelieu, há uma divergência clara nos depoimentos das pessoas arroladas no Hospital de Planaltina: “O guarda (porteiro) diz uma coisa, como não ter afirmado à família que os médicos estavam almoçando”, revelou, concluindo, e “a família diz que disse ao porteiro que o menino estava em estado grave”. Motivado por esses dois lados da moeda, o Secretário anunciou que a sindicância do HRP concluiu que “não houve negligência médica”. Porém, os processos foram para instâncias superiores para apreciação e julgamento. “Quem poderá dizer se houve falta grave é a Justiça”, encerrou.

O secretário acusa “algumas pessoas” (não revelou quais são) de que “os hospitais estão no chão, em crise e estão se aproveitando da situação”. Ele admite ainda que além de crítica a situação tornou-se caótica de uns tempos para cá e “não vamos encobrir nada de ninguém”. Richelieu acusou os médicos de estarem promovendo uma “guerra fria” com o atendimento na rede hospitalar.

Para ele, é difícil julgar sem uma investigação minuciosa, se nos casos das mortes nos hospitais do DF, houve negligência médica. O secretário argumenta

que há um limite para atuação da secretaria.

## “MAUS PROFISSIONAIS”

Para o diretor da Faculdade de Saúde da UnB, Josimar de Farias França, há uma crise no setor de saúde em todo o País, cujo culpado é a própria estrutura. Ele reconhece que “há maus profissionais na medicina, como em qualquer outra atividade profissional”, mas a falta de recursos e condições de trabalho do médico, que são precárias, acabam provocando esta discussão sobre a negligência. Segundo o médico, o sistema como um todo tem que ser repensado. “É impossível colocar a culpa num só lado ou pessoas. Todo sistema é culpado”, afirma.

A falta de recursos humanos, medicamentos e aparelhamento são outros fatores que pesam neste questionamento. “Os governos passados não administraram bem o sistema. Eles têm que ser procurados e penalizados”, disse. Porém, Farias França não admite em hipótese alguma, que o médico não vá ao trabalho “por falta de material. Isto não tem embasamento legal”.

A formação universitária do médico passa pelos ciclos básico (2 anos) e clínico (3 anos). Depois, 1 ano de internato, mais especificamente nas áreas de pediatria, gineco-obstetrícia, clínica médica e cirurgia. “Depois faz dois anos de pediatria médica, mas ele sai da universidade como médico”, diz. A partir daí o profissional pode se especializar em qualquer área. Segundo Farias França, no 6º ano o universitário poderá conseguir seu registro profissional no CRM.